

REVOLTA

Índios caiabibis fazem reféns em aldeia no Parque do Xingu

Os reféns, segundo uma das versões, caçavam e pescava numa reserva

Marcus Fernando Fiori
 Da Redação

Oito ou dez pessoas, não sabe ao certo, estão sendo mantidas como reféns pelos índios caiabibis, da aldeia Djamaru, no Parque Nacional do Xingu, próximo à sede municipal de União do Sul, a 550 quilômetros de Cuiabá. As versões sobre o caso são desconstruídas em função do difícil acesso ao local (não há estradas e as condições climáticas geralmente não permitem vôos no Parque), mas sabe-se que um médico, dois empresários, um vereador e dois menores estão em poder dos índios.

Os reféns teriam sido seqüestrados na sexta-feira 30, e a primeira notícia do grupo foi dada, via rádio, pelos próprios caiabibis no domingo à noite para um rádio amador de Alta Floresta, a 765 quilômetros de Cuiabá. A esposa do médico identificado apenas por Adão, morador do município de Cláudia, a 472 quilômetros da capital, comunicou a Funai de Brasília tão logo soube da prisão do marido.

Índio do Brasil Rocha, agente ambiental da Fema, disse que os índios exigem a presença dos presidentes

nacional do Ibama e Funai, do prefeito de União do Sul e do presidente da Fema para negociar a soltura dos reféns. O agente foi informado que um dos presos caçava jacarés com arma de fogo no momento em que foi preso pelos índios. Outro fato já confirmado é que os reféns estavam em três barcos e carregavam material de pesca completo e algumas armas, o que é proibido em terras indígenas.

Segundo informou extra-oficialmente a Fema, a sede nacional da Funai, em Brasília, estaria mandando uma equipe para o local a fim de avaliar a situação. "A Funai quer saber quais são as reivindicações dos índios", disse Índio do Brasil. "Suspeita-se que a libertação dos pescadores está sendo condicionada à imediata prisão deles". Se isso acontecer, trata-se de prisão inafiançável, de acordo com a lei ambiental brasileira.

A situação é tensa no Xingu. Até ontem de manhã, as autoridades não sabiam ao certo se os pescadores estavam em território mato-grossense. Entretanto, nos primeiros contatos, os índios garantiram que os reféns não estavam recebendo maus-tratos e estavam sendo bem alimentados.

Número de presos ainda é incerto

Da Redação

O número de pescadores presos pelos índios Caiabi ainda é incerto, mas sabe-se que o presidente da câmara dos vereadores de União do Sul, Luiz Verner, estava entre eles. Outros nomes já confirmados são o do médico Adão, de Cláudia, os madeireiros Wilson e Marco Gutí, o menor Leandro Bastos, filho do vereador Sérgio Bastos, de Cláudia, e o também menor Fábio Dal'Maso. O único contato com os índios está sendo feito, desde ontem, pelo repórter Wilson Duarte, da TV Capital, afiliada da TV Gazeta em Sinop, que está no local.

O repórter está mantendo contato com o índio Marivan. Segundo as informações que chegaram até o fechamento desta edição, 16 chefes de al-

deias, liderados pelo cacique Maká, se reuniram e decidiram condicionar a libertação dos pescadores à presença, na reserva indígena dos Caiabi, dos presidentes nacional do Ibama e Funai, do presidente estadual da Fema e do prefeito de União do Sul.

O repórter informou que os reféns estão sendo bem tratados, mas os familiares dos pescadores estão apreensivos, já que a fama dos caiabibis no norte de Mato Grosso não são das melhores. Segundo o coordenador nacional de Comunicação da Funai, Roberto Lustosa, a instituição já enviou à área de conflito o chefe do Parque Nacional do Xingu, índio Inaculá Rodiart, para negociar a libertação dos presos.

Pela versão da Funai de Brasília, três barcos com oito pescadores se deslocavam pelo rio Arraias, próxi-

mo a Colíder, quando entraram em terras indígenas. Os barcos continham material de pesca e de caça, e os reféns estavam caçando na hora da abordagem dos índios.

Os índios comunicaram a Funai que, de fato, só liberam os reféns com a presença das autoridades já citadas. Os silvícolas teriam pescado ontem somente para alimentar os pescadores, que estão sendo bem tratados até o momento. O coordenador de comunicação da Funai informou também que o órgão deverá mobilizar a superintendência estadual do Ibama para deslocar uma equipe à área de conflito, mas até o fechamento desta edição, o superintendente do Ibama, Jacob Kuffner, disse não ter recebido nenhuma comunicação oficial de qualquer órgão a respeito do assunto. (M.F.F.)



Pescadores alegaram engano

Da Redação

O coordenador nacional de comunicação da Funai, Roberto Lustosa, disse que os primeiros contatos do órgão com os pescadores presos na aldeia Djamaru, dos índios Caiabibis, no Parque Nacional do Xingu, deu conta de que eles entraram em terras indígenas por engano. Os Caiabibis já carregaram a fama de ser uma das etnias mais ferozes na Amazônia brasileira. Estudos indicam que eles pegavam a cabeça de seus inimigos mortos em batalha para fazer peças decorativas em suas ocas. Como característica principal, eles são lentos nas negociações e geralmente não abrem concessões em suas reivindicações. "Normalmente essas negociações demoram uma semana.

Neste caso, pode demorar até mais, já que ninguém sabe o que os índios querem", disse Lustosa.

A Funai de Brasília informou que esse tipo de conflito ocorre com boa frequência. Há dois meses, na terra indígena Baú, os caiabibis prenderam alguns garimpeiros, e a Funai levou uma semana negociando a libertação. Mais grave ainda aconteceu no Amapá. Lá, 11 garimpeiros e uma mulher e uma criança índias morreram em um conflito. Os garimpeiros juraram exterminar aquela etnia, e só não o fizeram graças à intervenção da Polícia Federal.

Mas dificilmente um caso dessa gravidade aconteceria por aqui. Os caiabibis falam português e mantêm contatos constantes com os brancos via rádio, apesar de serem

um povo bastante recluso em suas aldeias. "O caso preocupa e requer cuidados especiais porque tem dois menores envolvidos", disse Roberto Lustosa.

O assessor jurídico da Administração Regional da Funai em Cuiabá, César Augusto Lima do Nascimento, confirmou ontem que os pescadores de fato caçavam jacarés quando foram presos pelos caiabibis. Ele reafirmou que os presos não estão sendo maltratados e o motivo de tal atitude dos índios realmente seria por causa de danos ambientais.

Segundo o assessor jurídico, a Funai/MT não deslocou equipes ao local até agora porque não recebeu determinação de Brasília, mas já há equipes preparadas para qualquer eventualidade.